



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**“Olha a fogueira, passa fogo eu vou”  
A Festa de São João do Maranhão como um meio Folk<sup>1</sup>**

Francinete Louseiro de ALMEIDA<sup>2</sup>  
Josefa M, e S. Bentivi Andrade – ZEFINHA BENTIVI<sup>3</sup>  
Protásio Cezar dos SANTOS<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS

### **Resumo**

O artigo reflete sobre o *São João no Maranhão*, enquadrando esta festa como um fenômeno folkcomunicação. Analisamos a ritualidade do evento, por meio das mensagens que o sistema de comunicação ritualístico do *São João do Maranhão* produz, observando-se, sobretudo, como uma manifestação do folclore constrói e sustenta a identidade de um povo, entendendo-se os rituais como um processo de comunicação que é, ao mesmo tempo, instituinte da sociedade e por ela também instituído. Ilustramos, com a análise de uma música do grupo folclórico *Bumba Boi de Morros*, a temática que defendemos neste trabalho.

**Palavras – chave** - Comunicação, Rituais, Folkcomunicação, Festas, Festa Junina.

### **Introdução**

Vários estudos sobre o folclore foram e continuam sendo realizados ao longo das últimas décadas em decorrência de toda uma valorização realizada pelo campo, o que leva estudantes das mais variadas áreas das ciências sociais e humanas a pesquisarem o assunto. Na comunicação, especificamente na Folkcomunicação, fenômenos iguais ocorrem e é cada vez mais significativa a emergência de novos estudos e pesquisas na área, como este artigo que ora apresentamos que é resultado de um recorte de pesquisa em andamento que analisa o processo ritual do evento *São João do Maranhão*. Nossa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT2 Expressões da Folkcomunicação na cultura popular de XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós – Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC/RS e professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Email: [nethlouzeiro@yahoo.com.br](mailto:nethlouzeiro@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Jornalista, Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul (PUC-RS), Mestra em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Especialista em Jornalismo Cultural pela UFMA, email: [zefinhabentivi@yahoo.com.br](mailto:zefinhabentivi@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Profissional de Relações Públicas, Professor Associado III da Universidade Feral do Maranhão. Doutor em Ciências Ambientais. Mestre em Comunicação. Especialista em Administração. Email: [labcom17@bol.com.br](mailto:labcom17@bol.com.br)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

análise procura investigar a ritualidade do evento, por meio das mensagens que o sistema de comunicação ritualístico do *São João do Maranhão* produz, observando-se, sobretudo, como uma festa da cultura popular constrói e sustenta a identidade de um povo. Nesse sentido, entendemos os rituais como um processo simbólico de comunicação que é, ao mesmo tempo, instituinte da sociedade e por ela também instituído.

Durkheim (1996) explica que “o rito exprime o ritmo da vida social, da qual é o resultado. Só se reunindo é que a sociedade pode reavivar a percepção, o sentimento que tem de si mesma”. (DURKHEIM, 1996, p. 422). E esta reunião acontece pela comunhão/comunicação<sup>5</sup>. Entendemos, pois, que o ritual dá-se na e pela comunicação. Dessa maneira, como um sistema de comunicação, os rituais vão impor um ritmo à vida, pois eles são o resultado das percepções que temos. É como se eles funcionassem numa espécie de *output* necessário para que o indivíduo se comunique, perceba-se e realize-se. Assim compreendendo, neste artigo examinamos a comunicação/rituais do evento *São João do Maranhão* pela abordagem da folk, ou seja, buscamos identificar elementos da ritualidade da festa que constituem um processo de comunicação folk. Para ilustrar, analisamos as mensagens de uma toada da manifestação folclórica *bumba meu boi*, numa comunicação que revela a perenidade do folclore maranhense, pois se observam ali os rituais que contribuem para a manutenção das raízes da festa popular mais importante do Maranhão.

### **Festas, e festa junina no Maranhão**

Para que se entenda melhor o que são festas, buscamos na Antropologia e na Sociologia, alguns conceitos aplicáveis para o artigo. No entanto, antes de se falar propriamente do objeto de estudo, tentamos perceber os aspectos que estão intrínsecos no ato de realizar a festa. É importante olhar o indivíduo primeiramente no seu ambiente e nas suas relações. Como afirma Maffesoli: “Seja nas idas às ‘boates’, nos ajuntamentos religiosos, nas diversas peregrinações exóticas ou na multiplicação das

---

<sup>5</sup> “Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas” (BORDENAVE, 1982, p. 36)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

práticas esportivas, o que está em jogo é a exaltação da vida no que tem de sensível e afetivo.” (MAFFESOLI, 2007, p. 42).

O ser humano tem a necessidade do afeto. Desde quando existimos nossos sentimentos são cultivados e desenvolvidos à medida que estamos num mundo de partilha. Compartilhar as emoções preenche a vida dos indivíduos de esperança e de possibilidades. A própria celebração da vida pertence a esse mundo de sensibilidades que é construída pelos indivíduos nos momentos de conagração. São nas festas que o homem supre a sua necessidade do outro, ela seria então: “... o espaço por excelência de reunião social, de assembleia coletiva e de solidariedade.” (PEREZ, 2011, p.45). É nesse ajuntamento que os homens se reconhecem enquanto seres humanos. É nessa relação com o outro, que os seres humanos se encontram enquanto seres vivos e conseguem, enfim, se identificar, criar vínculos e sentimentos de pertença.

A festa, pode – se assim afirmar, serve como um antídoto para um renascimento. Nossa pesquisa tem como objeto de estudo uma festa folclórica, os festejos juninos do Maranhão, conhecido popularmente como Festejos de São João. Esta festa é realizada e cultivada através de comunidades que se identificam culturalmente, que se relacionam por/pela sua cultura. Nesse reconhecimento repousa a sua condição de sociedade, seus laços históricos, suas afinidades e aproximações.

De origem francesa, as festas juninas se desenvolveram em Portugal com o objetivo de festejar o solstício de verão. Com a miscigenação cultural concretizada em nosso país, tais festas que anteriormente eram denominadas de *joaninas*, em uma homenagem a São João Batista (santo da Igreja da Católica), passaram a serem chamadas de *juninas*, pelo fato de que outros santos, também do mês de junho, são festejados. A partir daí o calendário se expandiu durante esse mês. Em São Luís do Maranhão, quatro santos da igreja católica são reverenciados durante todo o mês de junho: dia 13, santo Antônio; dia 24, são João; dia 29, são Pedro e dia 30, são Marçal<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> “Os registros da Igreja indicam que Marçal foi bispo de Limoges na França [...]” (REIS, 2003, p. 90).

“Em São Luís, mais precisamente, no bairro do João Paulo, está o reduto maior de São Marçal, onde ocorre anualmente, há 75 anos, o grande encontro de bois do sotaque de matraca ou da ilha, com a finalidade de homenagear no dia 30 de junho o último santo do período festivo”. (REIS, 2003, p. 91)



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Acredita-se que estas festas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa (AMARAL, 1998, p. 159).

No Brasil, com a colonização dos europeus, indígenas e negros africanos, as festas se tornaram uma “importante mediação simbólica, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar” (AMARAL, 1998, p. 59). Assim, por intermédio das festas, o modelo social europeu conseguiu ser transportado para a sociedade de um país tropical como o nosso. Da mesma forma, a maneira de festejar do brasileiro também foi apropriada pelos imigrantes. No período colonial eram basicamente mantidas e organizadas pela Igreja Católica que, além do poder religioso, detinha também o poder político. Essa instituição se apropriou das festas e da vontade de festejar do povo como modo de controle político e cultural:

O constante festejar brasileiro, de caráter essencialmente religioso, de fato não é recente e a literatura dos viajantes nos prova isto. Chegando ao Brasil, muitos deles ficavam simplesmente perplexos quando, já a partir da porta das primeiras igrejas avistadas, e por todo o percurso das inúmeras procissões que se realizavam constantemente, contemplavam as imensas “alas” compostas por carros alegóricos. Neles, gente de todas as raças fantasiada dos mais diversos personagens, ricamente vestidos e adornados, corporações de ofício e irmandades religiosas, os grupos de dançarinos e músicos, desfilavam, lado a lado, todos juntos. Desta multidão compacta sobressaía uma imensa quantidade de cruces, pendões e estandartes, sacudidos e agitados efusivamente ao som do trovejar de ensurdecadores e excessivos fogos de artifício (AMARAL, 1998, p. 58).

Esse clima efusivo de uma festa grandiosa, que se registra, desde os primeiros contatos dos povos da colônia com os estrangeiros-viajantes, mantém-se na contemporaneidade, guardadas as modificações que, inexoravelmente, ocorrem com o passar do tempo. É o que observamos em nosso objeto de pesquisa – um megaevento



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

que acontece no mês de junho, na cidade de São Luís, capital do Maranhão e que segue um calendário nacional de comemorações religiosas. Em vários estados do Brasil, essas comemorações se enquadram no conceito de megaevento,

[...] associado à criação de infraestrutura e comodidades para o evento, frequentemente tendo débitos a longo prazo e sempre requerendo uso programado com bastante antecedência. Um megaevento, se bem-sucedido, projeta nova (ou talvez renovada) e persistente imagem positiva da cidade-hóspede por meio da mídia nacional e internacional, particularmente por cobertura de televisão. É frequente haver consequências a longo prazo em termos de turismo, relocação industrial e entrada de investimentos. Como resultado, os governantes e organizadores de eventos tipicamente clamam que megaeventos ajudam a nomear necessidades econômicas e culturais e direitos dos habitantes locais, embora não sendo de fato se cidadãos foram consultados sobre participarem da sua realização. Esta atividade é considerada uma produção social (MATIAS, 2002, p. 68).

Os elementos que o autor traz reafirmam que a *festa junina do Maranhão* enquadra-se nas características de megaevento. Destacamos que, durante a festa, toda uma estrutura para a comodidade da mesma é projetada, pois é um acontecimento que ganha repercussão na mídia local e nacional. A festa, além de ser uma produção social que ressalta a cultura de um povo, representa o esforço e a organização de comunidades e gera investimentos para o Estado. Sob este aspecto, a festa junina do estado do Maranhão gera lucros e se tornou um atrativo turístico no mês de junho. Uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Opinião Pública do Departamento de Comunicação, da Universidade Federal do Maranhão, para a Secretaria de Estado da Cultura, apresentou um diagnóstico da economia criativa<sup>7</sup> nos festejos juninos de São Luís do Maranhão. O contexto em que o Governo do Estado buscou informações consistentes deveu-se à visível ascensão dos processos de produção e circulação de serviços e renda, contribuindo, conforme a pesquisa apontou, para a inclusão e o equilíbrio entre os

---

<sup>7</sup> “A economia criativa é uma das principais estratégias de desenvolvimento para o século XXI [...] Nela interagem agentes econômicos diversos e se projetam as várias esferas da atividade social, cruzando lógicas de ação, de produção e difusão simbólica diferenciadas. A essas permutas se agregam questões relativas às identidades culturais, ações de caráter lúdico e pedagógico, festivo e celebratório. A economia criativa é múltipla e multidimensional” (FAGUNDES e CASTRO, 2015. p. 08)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

indivíduos e a sociedade como um todo. A pesquisa indicou que, em São Luís, sobretudo durante a realização de festas populares, “os modelos criativos estão crescendo em ritmo mais acelerado que outros setores econômicos e têm como processo principal o ato criativo gerador de valor simbólico; visto que o setor criativo tem como principais insumos a criatividade e o conhecimento” (FAGUNDES e CASTRO, 2015, p. 01).

As festas juninas, que tinham como principal brincadeira<sup>8</sup> o bumba-meu-boi, começaram a ser realizadas inicialmente nas adjacências da capital. Para se ter uma ideia do caráter restrito desta manifestação, na década de 1950 era expressamente proibido que as brincadeiras chegassem até o centro da cidade; somente entre as décadas de 1970 e 1980, quando o bumba-meu-boi começou a adquirir adeptos das camadas mais elitizadas, é que a festa ganhou maior vulto. Na atualidade, ir aos ensaios dos grupos de bumba-meu-boi, convidar os amigos e até mesmo participar de uma brincadeira, passou a ser motivo de *status*.

Misturando no auto popular comédia, sátira, drama, teatro e música, através da brincadeira, do rito profano-religioso, da pilhéria, da malandragem e da construção de personagens caricaturais, os grupos podem narrar seus dramas, denunciar as condições em que vivem, exigir uma participação política na construção do país e reivindicar direitos negados. Por isso, o boi aparece diante dos periódicos já em 1820 como um folguedo agressivo, violento, baderneiro, insólito, barulhento e atentador da ordem moral. Mas, principalmente, como uma *brincadeira de negros*, cativa de punições e proibições desde 1814 pela polícia (MARQUES, 1999, p. 59).

Convém lembrar que as manifestações culturais que se concentram no evento do *São João do Maranhão* costumam ocorrer em espaços denominados *arraiais* e, embora possam acontecer noutros lugares, incluindo os privados, é no arraial, enquanto espaço comunitário, que a festa junina de fato acontece: “*Arraial* – lugar onde se ajuntam

---

<sup>8</sup> “Inicialmente, é bom lembrar que as manifestações folclóricas maranhenses são também denominadas de *brincadeiras*. Na verdade, não se trata de nenhuma invenção e sim de uma legítima interpretação do vocabulário brasileiro, segundo o Mestre Aurélio, dentre suas derivações encontram-se: passatempo, entretenimento, divertimento, folguedo, festa, festança; Diversão carnavalesca, folia; festa informal ou improvisada. Assim, não é nenhum demérito titular essas manifestações de *brincadeiras*. Muito pelo contrário, é o que elas representam na listagem dos vocábulos brasileiros. Ficam, desta feita, afastadas quaisquer interpretações de corruptelas da linguagem sobre o que o universo da Cultura Popular Maranhense interpreta com o vocábulo *brincadeira*, uso extremamente correto” (REIS, 2003, p. 111).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

romeiros, onde há tendas provisórias, barracas de comestíveis, de jogos e diversão, é ornamentado, com música, etc. Festa popular com barracas de comestíveis, jogos e diversões, etc.” (FERREIRA, 1993, p.39). A definição corresponde exatamente à compreensão que temos de arraial, com adequações aos modos da cultura maranhense. Nesses termos é que os arraiais maranhenses são espaços onde as brincadeiras se apresentam; jogos são montados, como pescarias, tiro ao alvo, jogo das argolas e outros, onde se encontram as comidas típicas do período junino.

A cultura do arraial enraizou-se nas festas juninas, clara manifestação do saudosismo rural, onde se parece lembrar a própria gênese da cidade, as barracas de palha e organização espacial do conjunto, em forma quadrangular, deixando um espaço circular ao meio corresponderiam às residências e à praça dos antigos povoados [...]. As festas juninas complexificaram-se, tornando-se uma manifestação onde é possível observar momentos específicos da própria formação do povo brasileiro, fortemente ligado à tradição rural, especialmente ao Nordeste (ARAÚJO, 2001, p. 45- 46).

Esse saudosismo rural ocupa, juntamente com as demais manifestações folclóricas, todos os espaços durante todo o mês de junho, da grande ilha que é São Luís “Este é, assim, um tempo que rompe com a continuidade, com o cotidiano, com a repetição, para dar lugar ao inusitado, ao inesperado. É o tempo de congraçamento, da solidariedade [...]; é o tempo da catarse” (MARQUES, 1999, p. 83). Este é também (e principalmente) um período em que os moradores da cidade separam um tempo para participar da festa. É comum encontrar as famílias nas ruas e, mesmo aqueles que não compartilham da fé católica, não cultuando, portanto, os santos comemorados no período, gostam de participar da festa, porque a cidade fica iluminada, alegre e colorida, neste período.

No Maranhão, mais precisamente em São Luís, as ruas enchem-se de luzes e cores, de alegria, de danças, de noites que se confundem com os dias, de sons exuberantes, exóticos e sensuais, de arraiais que proliferam a cada esquina, denunciando a presença de bailes, forró, reggae, concursos, bingos, jogos da sorte, leilões, shows e das adivinhações para todos os gostos (MARQUES, 1999, p. 83).



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

São esses dias de êxtase que marcam a nossa maior festa popular maranhense, cenário de nossas manifestações folclóricas. O folclore, esse “conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social” (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995, p. 01), é vivenciado nas festas juninas com todas as suas riquezas, tradições e inovações inerentes ao próprio processo cultural, inclusive para o enriquecimento de suas produções. Além disso, ainda podemos assistir nos arraiais<sup>9</sup>, diversas brincadeiras e danças, frutos da organização e preparação de comunidades. Neste ponto é que encontramos a interdisciplinaridade entre os estudos do folclore e a comunicação. É reconhecendo que no trabalho das comunidades, a partir das manifestações folclóricas, existe mais do que uma atração lúdica, pois muitas delas se refletem como expressão de um povo, ou seja, sua forma de se comunicar.

### **Folkcomunicação e tradição no São João do Maranhão**

Conforme já declaramos, neste artigo, concebemos os rituais do *São João do Maranhão*, enquanto espaços de sociabilidade, com ênfase na compreensão da dimensão comunicativa de tais rituais, uma perspectiva defendida por Peirano (2003). Para a autora, os rituais são um sistema cultural de comunicação simbólica e, como sistema, fazem parte do nosso cotidiano e permeiam nossas ações em sociedade. Os rituais são, assim, um dos sistemas por meio dos quais os seres humanos se fazem perceber e buscam o reconhecimento necessário, o sentimento de pertencimento e a manutenção das crenças numa sociedade. (DURKHEIM, 1996). Daí, portanto, a essencialidade dos rituais para a sociedade, pois o reconhecimento dos sujeitos sociais ocorrerá, em muitas situações, por momentos ritualísticos que servem para reanimar e reacender os sentimentos acima referidos.

Assim é que, por meio dos rituais, a cultura e a tradição se mantêm em processos de significação e ressignificação de sentidos, tendo em vista ter o ritual, essencialmente, uma função comunicativo-social. Nesse sentido, compreendemos ser a folkcomunicação

---

<sup>9</sup> Em São Luís do Maranhão, os locais onde se realizam as festas juninas são denominados de Arraiais. Eles são montados em vários lugares da cidade e sua característica principal são as barracas de comidas típicas confeccionadas em palha. Geralmente fica um espaço, de visão privilegiada, para a apresentação das brincadeiras.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

a abordagem adequada para observar os fenômenos ritualístico-comunicativos que constituem o *São João do Maranhão*, tendo em vista que a folk define-se como um “processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social”. (BELTRÃO, 2014, p. 65).

Presenciamos nas festas juninas esse processo de intercâmbio, na forma de fazer uma música, de organizar uma dança folclórica ou mesmo na forma de conceber a própria festa. Esclarecemos que algumas comunidades ainda realizam os festejos por uma motivação unicamente religiosa, uma tradição que é repassada nas famílias de pais para filhos, porém, independente da motivação, o que inferimos de mais relevante são os processos de comunicação utilizados por estes grupos, pois o folclore é um grande canal de transmissão de cultura para uma coletividade e o estudo desse canal se faz mais apropriadamente pela perspectiva teórico-metodológica da folkcomunicação. Como afirmou Hohlfeldt

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (HOHLFELDT, 2013, p. 877).

Tais cadeias informativas eram desconhecidas ou ignoradas por aqueles que se debruçavam sobre os sistemas de comunicação formal. Somente com os estudos da folk é que esse tipo de fluxo comunicacional revela-se para os estudos da comunicação, pois, a partir dessa teoria, os meios populares de informação vão sendo reconhecidos e apropriados pelos estudiosos do campo, sobretudo porque os pesquisadores passam a entender que “a folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

previamente veiculadas pela indústria cultural” (MELO, 2008, p. 17), ou vice-versa. Desse modo, as manifestações das ideias populares começam a ser consideradas. Naquilo que antes era percebido somente como uma forma de entretenimento, agora se identificam os pensamentos, as ideias e as reivindicações de uma população que encontrou, nesse meio popular, uma forma de expressão, “pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo”. (BELTRÃO, 2014, p. 206/207).

Linguagem que produz sentido, portanto, comunicação. Ressaltamos que, mesmo sem ter um completo domínio do que corresponda essa afirmação, as classes populares desenvolveram suas formas de expressões artísticas com conteúdos que possuíam mensagens importantes sobre suas vidas e suas histórias. Fosse nas publicações anuais, os almanaques, que traziam contos, informações gerais, anedotas, conselhos sobre higiene, alimentação, beleza e etiqueta, ou fosse na literatura oral conforme nos lembra Beltrão:

As classes populares têm, assim, meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender. Tais meios são, ainda, em grande parte aqueles mesmos que lhes serviram na fase da Independência: - a literatura oral, com os cantadores, as estórias e anedotas, os romances cheios de moralidade e filosofia: o jornalismo ambulante dos caixeiros-viajantes, dos choferes de caminhão, dos frades e padres missionários ou dos vigários nas *desobrigas*, dos passadores de bicho de engenho a engenho enchendo as *poules* e conversando fiado, dos canoieiros do São Francisco, do Amazonas e seus afluentes; ou a literatura escrita, com os folhetos de romance ou de época, os boletins de propaganda eleitoral com os *credos* e paródias de orações católicas, os almanaques de produtos farmacêuticos, os calendários e as folhinhas, os livros de sortes, as publicações periódicas e avulsas impressas em prelos manuais; ou ainda, a linguagem simbólica e eloquente dos autos e entretenimentos, que se praticam nas festas religiosas e cívicas, no São João, no Natal, durante o tríduo de Momo ou nos aprontes de marchas dos blocos ou de sambas das escolas das favelas, nos *candomblés* e *xangôs*, na Semana Santa. E também pela *fala* expressiva das peças de artesanato, de escultura, de quadros, de móveis e utensílios rústicos (BELTRÃO, 2014, p. 112).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Na trilha de Beltrão (2014) é que localizamos as manifestações folclóricas do *São João do Maranhão* na folkcomunicação, considerando que existe um processo comunicacional intrínseco, seja nas danças ou na literatura oral da criatividade dos cantadores do folclore maranhense. Há de se pontuar que hoje a Indústria Cultural<sup>10</sup> transformou em parte a logística dos grupos folclóricos. Nossa intenção não é discutir esse ponto, porém sabemos que, por uma exigência de mercado, existe todo um processo da indústria nos grupos folclóricos maranhenses. Contudo, observamos que ainda sobrevivem as tradições e as essências nessas manifestações. Entendemos que, como afirmamos no conceito acima, esses grupos se expandem, sociabilizam-se, utilizando-se de outras formas de comunicação.

É o caso do exemplo que trazemos para este artigo, a toada do bumba meu boi de orquestra da cidade de Morros - MA. Essa canção foi gravada em CD e se expandiu para os apreciadores do grupo. Hoje ela pode ser acessada e ouvida num site de letras musicais, dividindo espaço juntamente com outras músicas de cantores brasileiros de diversos estilos. Um ponto importante que nos fez pensar nessa toada é o fato de que ele narra uma tradição do São João: o passa – fogo<sup>11</sup>.

Como já mencionamos anteriormente, no Maranhão, as festas juninas são marcadas pelo envolvimento das comunidades que se reúnem e trabalham durante o ano todo para a realização dos ensaios; a escolha dos temas/enredos do ano; composição e gravação das músicas (as famosas toadas); definição de coreografias; produção e confecção dos figurinos, dos adereços, entre outras ações necessárias a que o grupo “faça bonito” durante todo mês de junho. Como faz o grupo folclórico Bumba meu boi de Morros, fundado há 42 anos (junho de 1976). O grupo foi fruto de um trabalho educativo da professora Terezinha Bacelar, juntamente com os professores e amigos: Maria Marlene Ferreira Lobato (principal idealizadora), Maria Aparecida Ferreira Lobato, Maria do Socorro Araújo Ferreira, José Ribamar Muniz Lobato e Valter

---

<sup>10</sup> O termo Indústria Cultural foi criado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, a fim de designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial. Aqui utilizamos o termo para designar os aparatos da produção cultural voltados ao mercado.

<sup>11</sup> A tradição do passa – fogo é realizada no momento em que, pessoas que são ligadas somente pelos laços da amizade decidem tornar-se parentes, pois esta tradição funciona como um batizado, onde o padrinho coloca nos braços, ou passa juntamente por uma fogueira, com o seu respectivo afilhado.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Ferreira, da Escola Normal Monsenhor Bacellar. Esse trabalho tinha como objetivo recuperar uma tradição do início do século que estava esquecida na região do Munim, município de Morros, no estado do Maranhão. A brincadeira já gravou vários Cd's e se apresentou em vários lugares do país e do mundo, inclusive em festivais no Japão e na Alemanha. Em 2005, no CD Paraíso da criação, o Bumba boi de Morros apresentou e coreografou a seguinte toada:

**Noites lindas - [Boi de Morros](#)**

*Compositor: Lobato*

Noites lindas que marcaram a minha vida/ Noite enluarada de céu estrelado/Do mês de junho da minha infância querida/ Em que meus pais me ensinaram/A respeitar os fogos soltar os chuveiros e as bombinhas/ No cordão do Bumba meu boi ou ao som de uma quadrilha

E a gente brincava, a gente pulava, a gente dançava, a gente corria/E alguém a fogueira acendia/ A gente sonhava, a gente fugia, inflava o balão e o balão subia/Alguém a fogueira acendia/ E eu dizia/ Olha a fogueira passar fogo eu vou! / Fazer uma amizade para o Criador/ Dizer palavras mágicas no fogo do amor, assim/ São Pedro disse, Santo Antônio confirmou/ Que tu vai ser meu compadre, você minha comadre

São João mandou

Partimos dos pressupostos teóricos da folkcomunicação e entendemos a letra dessa música como um processo ritual/comunicacional que se expande de uma toada folclórica para o resgate da lembrança e do ensinamento de uma tradição. E, para a melhor compreensão do que estamos falando, buscamos na Análise do Discurso os referenciais que fundamentam nossa análise. Iniciamos por resgatar ser o processo de comunicação constituído por atos de linguagem.

O ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita. Este explícito significa outra coisa além de seu próprio significado, algo que é relativo ao contexto sócio - histórico. Um dado ato de linguagem pressupõe que nos interroguemos a seu respeito sobre as diferentes leituras que ele é suscetível de sugerir. O que nos leva a considerá-lo como um objeto duplo, constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação).  
(CHARAUDEAU, 2009, p. 17).

Concluimos com o autor que todo ato de linguagem possui um duplo valor, uma dupla dimensão: o explícito e o implícito. “O Explícito como testemunha de uma atividade estrutural da linguagem: a simbolização referencial. O Implícito como testemunha de uma atividade serial da linguagem: a significação”. (CHARAUDEAU, 2009, ps. 24 e 25). Nesse autor, temos dois pontos importantes para a análise: a referência e a significação. Na toada que será analisada temos também essas duas dimensões bem desenhadas, no entanto, a dimensão do implícito, por estar ligada àquilo que tentamos realizar na produção de sentido, conduz à dimensão do explícito, pois é ele que estabelece a significação num processo discursivo.

Em outras palavras, longe de conceber que o sentido se constituiria primeiro de forma explícita em uma atividade estrutural e, em seguida, seria portador de um implícito suplementar no momento de seu emprego, dizemos que é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para constituir a significação de uma totalidade discursiva. (CHARAUDEAU, 2009, p. 26).

A toada do Boi de Morros procura, implicitamente, nos transmitir ensinamentos que devem ser cultivados em nossa vida, pois, logo na primeira estrofe, o compositor afirma: “Noites lindas que marcaram a minha vida/ Noite enluardada de céu estrelado/Do mês de junho da minha infância querida”. Percebemos, no implícito dessas linhas, o saudosismo do eu-lírico, representante de uma comunidade que busca em suas origens as lembranças de uma infância simples onde se podia contemplar a lua num ritual que hoje se revitaliza ou se atualiza na toada, tendo em vista ser raro, nos centros urbanos, a prática de apreciar o céu estrelado. Implicitamente o autor enfatiza as relações sociais e fraternais que existiam nas brincadeiras no mês de junho e que deveriam ser cultivadas. É uma exaltação aos sentimentos de amizade, carinho e respeito que a comunidade deve buscar para a harmonia em sociedade.

De forma explícita, ao longo da primeira e da segunda estrofe, é-nos apresentada uma infância feliz e inocente nas brincadeiras dos festejos juninos. Com isso entendemos que as famílias se envolviam com os festejos e que eles mesmos eram os responsáveis pela festa, eles organizavam e participavam das brincadeiras também. E



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

como o compositor narra: “- alguém a fogueira acendia”, aqui, além de entendermos o ritmo da festa através da letra da toada, é ensinada mais uma tradição dos festejos, o passa fogo, que existe até hoje nas festas juninas, quando amigos, através deste gesto, se tornam compadres e comadres, como uma espécie de batismo. Celebra-se, com esse ritual, o amor entre as pessoas que fazem parte de uma comunidade, de uma sociedade, e, pela construção do discurso na canção, aqueles que não conhecem essa tradição, passam a apreciá-la e também interagem, participando e cultivando-a. Isso é um aprendizado através do folclore. No implícito, tem-se o resgate de tradições, de costumes e de crenças que hoje existem muito mais na forma de rituais, durante os festejos juninos, do que nas práticas comunitárias. Ali, então, se oportuniza a atualização dos ritos.

### **Considerações provisórias**

Seja na região Sul, Norte, Nordeste, Sudeste ou Centro-oeste, por conseguinte, em qualquer parte do Brasil, o folclore, nas mais diversificadas formas de rituais/comunicação, elabora e reelabora sentidos, mensagens/comunicações que são compartilhadas e ensinadas tanto a quem pertence à cultura do lugar quanto àqueles que entram em contato com as manifestações culturais que não conhecem. Sem esse processo, nossa história e nossas raízes não existiriam mais. Nesse sentido é que destacamos que os rituais, como processos de comunicação, são essenciais para dar sentido, colocar em ordem, classificar, estabelecer prioridades, etc.

Daí enquadrarmos o fenômeno estudado na teoria da folkcomunicação, sobretudo quando hoje se tornam mais complexas as cadeias/sistemas de comunicação. A canção que ilustrou este artigo é, sem dúvida, uma comunicação folk. Em contextos modificados, mas sempre trazendo ao mundo as simbologias de uma comunidade, hoje não mais restrito às periferias, perpetuando, assim, suas tradições na e pela comunicação.

Uma comunicação que se expandiu para outros sistemas, inclusas as mídias digitais, o que nos conduz à conclusão de que: *o São João do Maranhão*, por meio da realização de variados rituais, comunica, informa, compartilha a identidade do



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

maranhense, não apenas das comunidades de onde emergem as manifestações folclóricas, mas também da população maranhense em geral.

### **Bibliografia**

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, p. 01, 1995 Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira. Significados do festejar, no País que “não é sério”**. Tese de Doutorado, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O Ritmo da Vida: variações sobre o imaginário Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz; 2011.

HOHLFELDT, Antonio. **Novas tendências na Pesquisa da Folkcomunicação: Pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais**. Comunicação apresentada no Núcleo de Pesquisa sobre Folkcomunicação no âmbito da XXV Intercom, Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.htm>. Acessado em 29 de abril de 2015

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009

<http://www.boidemorros.com/> Acessado em 17 de junho de 2015.

<http://www.vagalume.com.br/boi-de-morros/noites-lindas.html#ixzz46yFJnZsa>  
Acessado em 20 de abril de 2016.